

Em suma, *Manuel Ribeiro, o romance da fé* ficará como um incontornável estudo para se conhecer – de um modo que já vai sendo raros nos estudos literários – a obra de um autor situada no tempo em que foi produzida. O ensaio agora vindo a público é um contributo de grande envergadura para a história da literatura portuguesa, na justa medida em que oferece ao leitor a compreensão da movência de um tempo, em íntima ligação com a *praxis* literária.

Cristina Mello

DE EÇA A JORGE DE SENA

ANTÓNIO CIRURGIÃO

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009

260 páginas, ISBN 978-972-27-1543-0

Tendo feito, como Jorge de Sena, toda a sua carreira académica no estrangeiro (Estados Unidos da América), António Cirurgião é talvez menos conhecido em Portugal do que a sua obra ensaística merecia. A sua condição de *scholar* num país onde os estudos portugueses não têm uma grande visibilidade explica que não tenha fixado a sua atenção, ao contrário do que muitas vezes sucede no nosso país, num autor ou numa época muito circunscritos, mas que tenha dedicado ensaios a autores tão distintos como Fernando Pessoa ou Fernão Álvares do Oriente. No caso presente, o título do livro denuncia, desde logo, a ausência de uma coerência

orgânica idêntica à das obras que dedicou a esses autores ou ainda a Camões, por exemplo (as suas *Leituras Alegóricas de Camões* foram publicadas em 1999).

Como já deve ter deduzido o leitor que desconheça a obra que recenseamos, Eça de Queirós e Jorge de Sena representam os pontos extremos de um itinerário, não rigorosamente cronológico, de comunicações e artigos publicitados por António Cirurgião ao longo de um determinado período da sua vida docente, e aqui reunidos. Esclarece-se no «Antelóquio» que o primeiro dos textos desta coletânea data de 1969, sendo o último de 1992. É claro que 1992 é uma data já bastante recuada relativamente ao ano de publicação, mas o que é verdadeiramente estranho é que também o «Antelóquio» date de 1992 (15 de Agosto) e que o livro mais recente registado na bibliografia seja de 1990 (precisamente *O «Olhar Esfíngico» da Mensagem de Fernando Pessoa*, do próprio Cirurgião). Algum percalço inesperado, portanto, terá ocorrido na história desta edição, que explicará o desajuste entre a data de conclusão do livro por parte do autor e o momento em que é dado a lume.

Não é isso, evidentemente, que retira pertinência ou mesmo atualidade ao volume (que merece ser lido com a mesma atenção com que seria em 1992 ou 93), mas também não é despiçando saber que no decurso dos anos passados entre a conclusão e a publicação do livro faleceram Miguel Torga e José Cardoso Pires, que eram os únicos escritores vivos dos sete autores ali estudados. E,

como sabemos, a morte de um escritor tem quase sempre implicações imediatas no processo de receção do mesmo. Dada a relativa juventude de Cardoso Pires e a proximidade com a data de primeira edição, na época em que Cirurgião lhe dedicou «O sentido alegórico de *O Delfim*», num volume publicado pela Universidade de Sacramento, *Explicación de Textos Literarios* (1975-1976), é-nos permitido deduzir que o romancista se tenha sentido lisonjeado por ser considerado autor de «grande mérito», mas não ainda ao mesmo nível que «gigantes» como Jorge de Sena e Miguel Torga. Talvez seja ainda demasiado cedo para entronizar definitivamente os gigantes da literatura portuguesa do século XX, mas seguramente a hierarquização estabelecida pelo professor e ensaísta é hoje bem menos consensual do que seria há vinte anos. O artigo, entretanto, constitui uma boa aproximação a um romance extremamente complexo, construído a partir de pontos de vista cruzados, umas vezes complementares e outras vezes divergentes, do narrador e das personagens (os habitantes da Gafeira).

Outro gigante que Cirurgião identifica, desde logo concedendo-lhe a honra de participar no título, é Eça de Queirós, ao qual dedica o mais extenso e provavelmente o mais importante artigo da coletânea, «A estrutura de *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós». São bastante convincentes os seus argumentos quer contra as leituras que exaltam o patriotismo do agora chamado «último Eça», quer contra os

críticos que, como Gaspar Simões, lamentam a falta da crítica social nas últimas produções do autor de *O Primo Basílio*. Sem pretender tirar conclusões estéticas e ideológicas definitivas, o ensaísta sublinha uma forte presença da ironia no discurso queirosiano, que invalida a leitura de *A Ilustre Casa de Ramires* como um romance nostálgico do período designado pelos historiadores de «Ancien Régime».

Ao século XIX, para além de Eça de Queirós, pertencem o ultrarromântico e ultranacionalista Tomás Ribeiro (ao qual é dedicado o ensaio «O animal como símbolo, metáfora e símile no *D. Jaime*, de Tomás Ribeiro») e Guilherme de Azevedo, poeta e jornalista, um autor que partilhou os ideais revolucionários da chamada «geração de 70». Os títulos dos dois ensaios dedicados a Guilherme de Azevedo (e que o vinculam a Antero e Cesário Verde, como discípulo do primeiro e provável fonte do segundo), «O carácter combativo em *A Alma Nova*, de Guilherme de Azevedo» e «Morte e metamorfose em *A Alma Nova*, de Guilherme de Azevedo», atestam com clareza os aspetos centrais da abordagem feita por Cirurgião, que se centra na militância do poeta contra a sociedade e as ideias velhas, como caminho inevitável para construir a «Ideia Nova». Recordemos que este termo foi cunhado para traduzir o ideal do grupo do Cenáculo, mas que seria repudiado e objeto de ironia por parte do Eça naturalista.

Em «Simbolismo e premonição em *A Promessa*, de Bernardo Santareno», António Cirurgião demonstra a coerência entre a carga simbólica contida nome das personagens da obra dramática estudada (como Jesus ou Maria do Mar) e o sentido dos seus comportamentos cénicos.

«A demanda do poeta em *Orfeu Rebelde*, de Miguel Torga» é o pretexto para o ensaísta dissertar sobre o fim do poema heroico clássico e romântico e o advento de um novo tipo de poema heroico no século XX, centrado no próprio poeta: «Em *Orfeu Rebelde*, de Miguel Torga, o herói é o poeta feito Orfeu e a acção é a viagem de Orfeu através da vida e, sobretudo, a descida aos recônditos do seu consciente e aos arcanos do seu subconsciente» (p. 160).

Os artigos finais são dedicados a Jorge de Sena e permitem entender a profunda admiração do ensaísta pela produção literária seniana, animada, segundo ele, pela eterna busca de uma finalidade e um sentido que sempre escapam ao poeta: «É a demanda das demandas, porque, vista numa perspectiva das coordenadas espaço-temporais, é uma demanda sem fim e uma demanda sem termo. Para os poetas como Jorge de Sena, a 'pedra filosofal' e a 'evidências' só o são por aproximação, por analogia: na sua jornada através do mundo, jamais conseguem chegar a Ítaca» («À margem da 'Poética', de Jorge de Sena», p. 188).

António Apolinário Lourenço

AMÉRICA, AMÉRICA

JORGE DE SENA

Lisboa, Guimarães/Babel, 2011

192 páginas, ISBN 978-972-6656-70-8

A coleção consagrada à obra de Jorge de Sena, na edição de Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço, apresenta um livro de ensaios compostos entre 1968 e 1978 e dedicado ao Novo Continente, onde o autor viveu uma parte importante, além de ser a última, da sua vida. A redundância do título bem evoca as duas Américas que foram conhecidas e habitadas pelo autor: a do Sul, lusófona, no Brasil ainda desenvolvimentista, e a do Norte, no próprio umbigo do mundo ocidental, enquanto docente, primeiro em Madison e depois na Califórnia.

Tendo saído de Portugal para fugir às prepotências do Salazarismo, uma situação que se repetiria pouco anos depois com o abandono do Brasil, caído sob o jugo da ditadura, o autor vive a condição de intelectual exilado, situação propícia a desenvolver textos imagológicos. Dois são os temas identitários tratados: o estatuto de *ser-se* emigrante, visto no seu relacionamento com a cultura do país de acolhimento e o de origem, e a questão da visibilidade da língua portuguesa europeia *versus* o português do Brasil e o espanhol.

Os textos de abertura pretendem logo mostrar as diferenças ambientais macroscópicas que marcam a visão do viajante português nos Estados Unidos e no Brasil: a imensidão dos espaços